

Mário Moutinho - Fitei

Salzburgo – Festival de música; Cannes – Festival de cinema; Avignon – Festival de Teatro; Rio de Janeiro – festejos de Carnaval; Vila Nova de Cerveira – Bienal de Arte. O papel dos eventos culturais – estejamos a falar de cultura mais ou menos erudita ou da cultura de raiz mais popular como o Carnaval do Rio – no desenvolvimento local fica bem expresso pelos exemplos que acabo de citar e que são apenas isso mesmo, exemplos.

Na verdade, quando falamos da cidade austríaca de Salzburgo pensamos imediatamente no seu festival de música, Cannes está associada ao cinema, o Rio é célebre em todo o Mundo também pelo seu Carnaval. Vila Nova de Cerveira é, entre nós, uma referência para as artes plásticas que, com a Bienal, tornaram aquela bela vila minhota conhecida em todo o país e também fora dele. E já agora, que estamos a falar em vilas minhotas, quantos de nós sabiam que havia no país uma terra chamada Vilar de Mouros antes da existência do respectivo Festival?

Com maior ou menor dimensão, célebres à escala planetária e capazes de gerar grandes fluxos turísticos e económicos ou, simplesmente, reconhecidos mais localmente e importantes para alguns nichos populacionais, os eventos culturais são, efectivamente, pólos de desenvolvimento e de fixação de populações. Geram emprego e movimentam a economia. Contribuem para o desenvolvimento sócio-cultural das populações e para a qualidade de vida.

Deixem-me referir outros exemplos. Veneza é uma cidade que pelas suas características naturais e especiais atrai turistas todo o ano. Isso não a impede de apostar em eventos de grande impacto como o seu Carnaval e a Bienal de Arte Contemporânea, para referir apenas dois. É que não chega ser um postal ilustrado. O Carnaval gera grandes fluxos turísticos e, ao mesmo tempo, contribui para o

desenvolvimento da economia durante todo o ano, de que são exemplo as máscaras que ali se produzem e comercializam. A Bienal de Arte é outro grande cartaz, atraindo milhares de pessoas e fazendo com que Veneza seja, naquela altura, uma das cidades mais referidas na comunicação social de todo o mundo, o que acontece também durante o seu festival de cinema.

E que dizer de Madrid que, em Fevereiro, durante a ARCO, a feira de arte contemporânea da cidade, atrai também milhares de pessoas, fazendo disparar o consumo nos bares e restaurantes, lotando os hotéis, movimentando muitos milhões de euros. Ainda o ano passado, em Agosto, quando o calor que apertava em Madrid se tornava num verdadeiro inferno, a exposição “Picasso e os seus Mestres” provocava filas à porta dos museus do Prado e Rainha Sofia. E fico por aqui com os exemplos.

Só quem desconhece a realidade não percebe a importância dos eventos culturais para o desenvolvimento das vilas, das cidades, das regiões, dos países. Mas há quem se limite a pegar na calculadora para somar e subtrair e dizer que a cultura dá prejuízo. Sem perceber que todo o dinheiro investido no desenvolvimento cultural das populações tem um enorme retorno a médio e longo prazos. E em alguns casos, também ganhos económicos directos imediatos para a cidade e para a região. Todos sabemos, por exemplo, o que se passou em Bilbao desde a abertura do Museu Guggenheim. Uma cidade decadente e que não fazia parte dos circuitos turísticos, passou a receber milhões de pessoas. E isso fez com que se renovasse, que tratasse do seu aspecto, que investisse no futuro.

Um recente estudo da União Europeia sobre a Economia Cultural alertava para o perigo dos poderes públicos entenderem a cultura como um custo e não como um investimento. O mesmo estudo aponta para a necessidade de apoio público no sector cultural por razões democráticas, de educação, partilha de valores, construção de identidade, coesão social, etc. A cultura contribui para o desenvolvimento humano, faz-nos reflectir e isso tem uma influência fundamental na nossa formação e na maneira de nos posicionarmos em sociedade. Percebo que os pequenos autoritários

tenham dificuldade em aceitar isto. Mas as democracias fortalecem-se e desenvolvem-se socialmente, mas também economicamente, com o reforço cultural dos seus povos.

Falando agora dos casos que conheço bem e de perto, da cidade do Porto e das suas estruturas artísticas e culturais, nomeadamente do FITEI – Festival Internacional de Teatro de Expressão Ibérica, entidade a que hoje presido e que terá este ano, em Maio e Junho, a sua 30ª edição: Deixem-me lembrar um pouco a história. Em 1978, data do 1.º FITEI, eu não integrava o núcleo fundador, nem a organização. Mas estava lá, como espectador, encantado com a oportunidade de ver espectáculos que sem o festival nunca poderia ter visto.

O FITEI nasceu por iniciativa das duas mais antigas companhias profissionais de teatro que o Porto tinha na época, o TEP e a Seiva Trupe, melhor dizendo, de um grupo de homens e mulheres de teatro ligados a ambas. Para além destas duas companhias havia apenas o projecto do TEAR e pouco mais.

O panorama teatral da cidade era bastante pobre, não apenas por falta de companhias e espectáculos mas, também, pela quase completa ausência de salas de teatro com um mínimo de dignidade e condições. Havia o célebre teatro de bolso do TEP, a velha sala da Cooperativa do Povo Portuense que a Seiva Trupe utilizava, o Teatro dos Modestos, uma companhia amadora que possuía um espaço velho e degradado, um barracão da Rua do Campo Alegre onde a Seiva também fazia uns espectáculos e mesmo o velhinho Teatro Carlos Alberto só esteve disponível para o FITEI a partir da 3ª edição. Em todos estes espaços o desconforto era enorme e o frio cortante, naquele mês de Novembro do primeiro festival. Mas não foi isso que impediu que as salas se enchessem e que o desconfortável chão das salas se tenha transformado em mais uns quantos lugares suplementares.

O FITEI foi para o Porto, para a região e mesmo para o país uma lufada de ar fresco. O Festival trouxe a Portugal grupos de mais de 30 países de diferentes continentes. Companhias de topo, projectos

mais experimentais, apoio e divulgação dos primeiros passos do teatro nos PALOP, numa oferta diversificada ao público que pode ver alguns espectáculos memoráveis.

O exemplo e a acção do FITEI deram frutos a vários níveis. O Festival provou que havia públicos na cidade para o teatro. E foi o impulsionador de novos projectos, novos grupos. Pouco tempo depois do aparecimento do festival, surgem no Porto as companhias Os Comediantes e Pé-de-vento e algumas estruturas semi-profissionais, como o TAI, o Realejo e o Art'Imagem. E já nos anos 80 aparece o Ballet Teatro e o Teatro de Marionetas do Porto, companhia que viria a ganhar grande prestígio internacional. Mais tarde é a vez do aparecimento de escolas de formação teatral a nível médio e superior. Todo este movimento teve um papel decisivo no despertar das consciências políticas para a necessidade de dotar a cidade de infra-estruturas condignas para receber espectáculos de teatro e outras artes performativas.

Assim se fizeram obras no Teatro Carlos Alberto que passou a chamar-se Anca Auditório Nacional Carlos Alberto e que, mais tarde, depois de 2001, recuperou o nome e é agora designado por TeCa. Assim se recuperou para o teatro, para a cultura e para a cidade o Teatro Rivoli que estava transformado em discoteca e agora será *sabe-se lá o quê* dada a nova política autárquica. Assim o Estado percebeu a necessidade da aquisição do Teatro S. João que passou de cinema para teatro nacional. E assim se fez sentir a necessidade de outros espaços para as estruturas emergentes e foram construídos Teatro do Campo Alegre, o Balletatro Auditório e o Teatro Helena Sá e Costa. Assim a cidade percebeu a necessidade de defender um equipamento cultural como o Coliseu do Porto da sua venda a um qualquer grupo religioso e notificou os poderes públicos para a sua recuperação.

Estes espaços vão, por sua vez, possibilitar o aparecimento de novos certames e festivais de teatro, como o Fazer a Festa, o Festival Internacional de Marionetas e o Ponti, de cinema, como o Fantasporto, ou de música, como o Intercéltico, o Festival de Jazz do Porto e os Encontros Internacionais de Música. Isto entre um

conjunto de ciclos e programações regulares diversas, de dança, por exemplo.

Naturalmente não foi o FITEI que conseguiu, esta mudança abismal no paradigma teatral da cidade. Mas o seu contributo foi decisivo. Aliás, a candidatura do Porto a Capital Europeia da Cultura referia eventos consolidados, como o FITEI e o Fantasporto, como marcas culturais da cidade e como argumentos importantes para a decisão.

Todo este desenvolvimento cultural gerou um tecido profissional de centenas de pessoas, que todos os anos é reforçado com cerca de 70 alunos que terminam a sua formação, artística ou técnica, nas diversas escolas de teatro do Porto. Refiro apenas os profissionais directamente ligados ao meio, criativos, técnicos e administrativos, porque se referir todas as actividades económicas envolventes, como gráficas, carpintarias, estruturas de montagem, manutenção, restauração, publicidade, segurança, etc., estaremos de certo a falar num universo de milhares de pessoas.

Não quis, nesta intervenção, falar da importância da arte e das actividades culturais no desenvolvimento do homem. Procurei centrar a atenção apenas na sua importância social.

Os festivais e eventos culturais são essenciais ao desenvolvimento do país e da região onde estão implantados. E não perceber isto é fazer o que a actual gestão da Câmara do Porto faz: transformar a cidade num espaço amorfo, sem vida, num processo de degradação contínuo. Não perceber isto é convidar criadores e programadores a mudarem de rumo, a procurarem outras paragens para poderem trabalhar e ser felizes. Ao longo dos anos o Porto perdeu para Lisboa, pelo fenómeno centralizador desta, muitos criadores e agentes culturais, seja no teatro ou na música, no cinema ou na dança. Mas nunca como agora se sentiu a necessidade de fugir ao ódio que a actual câmara tem a tudo que lhe cheire a arte, cultura, criatividade, modernidade, inteligência...

Vivemos tempos difíceis naquela que se diz ser a segunda cidade do país mas que tem vindo a ser gerida como se de uma pequena

mercearia se tratasse. Sem rasgo, sem visão de futuro, sem critério. O Porto, com o Museu Serralves, com a Casa da Música, com o Fantasporto, com o FITEI, com o PONTI, com o Festival de Marionetas, com os diversos eventos que organiza, com uma programação internacional e regular de dança contemporânea, com os ciclos de novo circo e com fenómenos como a concentração de galerias de arte na zona de Miguel Bombarda, fazendo desta área um caso singular, poderia afirmar-se na Europa e no Mundo como um verdadeiro centro de cultura e tirar daí fortes dividendos turísticos e económicos. Mas não! Está a passar ao lado do futuro. A cidade investiu imenso para se dotar das infra-estruturas necessárias a uma actividade cultural forte. E agora que as tem, desinveste na cultura. Não é só irracional. É um verdadeiro crime económico com reflexos directos no desenvolvimento harmonioso da sociedade.

Mas melhores dias virão. Esta enxurrada há-de passar. Queremos voltar a ter motivos para viver, trabalhar ou visitar a cidade do Porto e os seus eventos culturais. Afinal, vamos a Paris para ver os parisienses ou os seus museus, as exposições, os monumentos, os espectáculos? Nova Iorque não dorme porque tem insónias?

Muito obrigado pela vossa atenção.